

NITEROI/RJ

Sindicato cobra assistência e quarentena por conta de vigilante do Santander contaminado pelo coronavírus



Foto: Local da agência em Maricá

Um vigilante da empresa Sunset Vigilância e Segurança que trabalha na agência do banco Santander, em Maricá, é mais uma vítima do novo coronavírus.

Neste terça-feira (05/05), o Sindicato dos Vigilantes de Niterói, São Gonçalo e regiões (SVNIT) tomou conhecimento do contágio pelo trabalhador e imediatamente acionou a Diretoria Regional do Santander para que a agência permanecesse fechada e foi higienizada.

Conforme determina o protocolo do Ministério do Saúde, o SVNIT também comunicou à empresa que os demais colegas vigilantes daquele posto de trabalho fossem colocados em quarentena total durante 14 dias,

já que mantiveram contato com o vigilante contaminado.

No mês de abril, o SVNIT moveu várias ações na Justiça do Trabalho, obtendo liminares positivas em todas elas que obrigam as empresas e bancos a fornecerem Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para os vigilantes e trabalho home office para aqueles que são do grupo de risco.

A medida vinha sendo cumprida pela empresa Sunset na agência do Santander em Maricá, porém, o vigilante acabou se infectando.

“Nós da diretoria do Sindicato estamos atentos a todas as necessidades dos vigilantes. Apesar das dificuldades, buscamos acompanhar o que acontece em todos os municípios da nossa base territorial. Agora, é acompanhar as ações e como irá evoluir o quadro de saúde do vigilante. Vamos acompanhar de perto para garantir toda assistência”, afirma Cláudio Vigilante, presidente do SVNIT.

A agência do Santander, que fica na Rua Ribeiro de Almeida, no Centro de Maricá, permaneceu fechada e sem atendimento ao público nesta quarta-feira (06/05) até que a sanitização fosse concluída.

Fonte: Sindicato dos Vigilantes de Niterói/RJ

ADIANTAMENTO 13º/TODA HORA É UMA ALEGAÇÃO

**MAS A JOGADA É: O PATRÃO PRESSIONA, O VIGILANTE
NÃO PEDE E ELES ALEGAM QUE NÃO PAGARAM PORQUE
NÃO FOI PEDIDO. SE LIGOU?**



A pandemia do coronavirus “despertou mais espertezas” de alguns patrões. Toda hora é uma novidade com um único objetivo: tirar do vigilante para abastecer o caixa (bolso) deles (patrões). Ora alegam que a CCT não vale ou tá vencida ou as Medidas Provisórias de Bolsonaro. Já andam “toma emprestado” o dinheiro das férias do vigilante para devolver em dezembro; parcelando transporte e alimentação e tantas outras peraltices. Tudo ilegal e na base da esperteza.

Outra jogada da vez é pressionar o vigilante a não pedir o adiantamento da 1ª parcela do 13º salário. Por lei esta parcela tem de ser paga até 30/11. Mas a CCT antecipa para 20 de junho. Mas tem de ser solicitada individualmente pelo vigilante até 20 de maio, senão não obriga a empresa a pagar.

Aí está a questão: se o vigilante não pedir, não recebe. Deixa seu dinheiro para engordando o “caixa” ou bolso do patrãozinho.

Nesta hora vem a pressão para não pedir. Hora dizem que a CCT não vale, que tá vencida. Outros, como a Map, vem usar de forma falsa a Medida Provisória de Bolsonaro (a MP 927).

Nada disso é verdadeiro. Se a CCT está vencida desde fevereiro de 2019, porque pagaram o adiantamento do 13º em junho de 2019 e durante o ano passado e em 2020 fizeram acordos com o Sindicato (migração do pessoal Segurpro, Map Bradesco, por exemplo), documentos com o sindicato amparado na CCT (pedido de suspensão de contrato Map/UFBA em setembro passado). Tudo amparado na CCT. Quanto interessa para eles, a CCT vale. Para o trabalhador, não?

Se o vigilante não pedir e o Sindicato reclamar no MPT e na Justiça, eles alegam que “não pagaram porque o vigilante não pediu”. Entendeu a jogada?

Algumas empresas mais sérias já está recebendo os pedidos e já disseram que vão pagar. Mas o povo da esperteza...

E aí, Vigilante? Vai cair no golpe, na jogada, na esperteza? Ou vai pedir e cobrar seu direito. PEÇA SEU ADIANTAMENTO DO 13º.

Como faz?

Entre no site do Sindicato (www.sindvigilantes.org.br), baixe e imprima o formulário. Se preferir, passe no Sindicato, pegue uma copia, preencha. Você pode entregar diretamente à empresa ou no Sindicato. No Sindicato somente até o dia 10 de maio.

ADIANTAMENTO DE 13º EM JUNHO, É SUA CONQUISTA, SEU DIREITO!

SEU DINHEIRO É MAIS GARANTIDO E MAIS SEGURO NO SEU BOLSO!

FONTE: SINDVIGILANTES/BA

Em três meses Itaú lucra quase R\$ 4 bi

Banco não pode reclamar de queda no lucro ao anunciar tamanho resultado e uma rentabilidade de 13%



O banco Itaú obteve um Lucro Líquido Recorrente de R\$ 3,9 bilhões no 1º trimestre de 2020, queda de 43,1% em relação ao mesmo período de 2019 e de 46,4% no trimestre. A margem financeira com clientes recuou em função da menor receita com cheque especial, devido à mudança regulatória vigente desde o início do ano e à redução da taxa básica de juros. Diante disso, a rentabilidade (Retorno Recorrente sobre o Patrimônio Líquido médio anualizado – ROE) caiu 10,8 pontos percentuais em doze meses, ficando em 12,8%. Se considerarmos apenas a operação no Brasil a rentabilidade ficou em 13%.

De acordo com o banco, o resultado reflete, dentre outros fatores, o impacto do custo de crédito no primeiro trimestre de 2020, que apresentou um aumento de 175,2% quando comparado ao mesmo trimestre do ano passado, e do produto bancário, que caiu 3,5%.

“O banco destaca a queda de 43% no lucro, mas nós, não podemos deixar de observar que em três meses o lucro líquido já alcançou quase R\$ 4 bi. As instituições financeiras no Brasil ganham como em qualquer outro lugar do mundo e, com os pacotes do governo que liberaram R\$ 1,2 bilhões para que elas emprestem, vão continuar ganhando muito. Se existe um setor no país que não pode reclamar este é o setor financeiro”, destacou o coordenador da Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Itaú, Jair Alves.

“Além disso, precisamos analisar os dados do balanço com mais cuidado, mas, numa primeira análise, não conseguimos entender como pode

ter havido um crescimento de quase 83% nas despesas com captação de recursos com uma Selic tão baixa”, disse o representante dos empregados.

Segundo análise do balanço do banco feita pelo Departamento de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), as despesas com captação de recursos saltou de R\$ 13,3 bi no primeiro trimestre de 2019 para R\$ 24,3 bi no mesmo período deste ano.

Encontramos, ainda outros grandes aumentos de despesas, como as que o banco informa ter tido com Empréstimos e Repasses, que saltou de R\$ 2,073 bi para R\$ 33,867 bi. Um aumento de 1.533,7%. “As despesas com empréstimos e repasses pode ter sido influenciadas pelo câmbio, mas as alegadas com captação de recursos é uma incógnita. Teremos que desvendar alguns mistérios no balanço apresentado pelo banco no início da noite desta segunda-feira”, afirmou.

Tarifas X salários

O representante dos empregados chama a atenção também sobre a relação entre a arrecadação com prestação de serviços e tarifas bancárias, que cresceu 9,8% em doze meses, e as despesas de pessoal que, por sua vez, caíram 0,9%.

As receitas com prestação de serviços e tarifas bancárias é um valor muito pequeno perto das obtidas pelo banco com as demais operações. Mesmo assim, elas alcançaram R\$ 10,4 bilhões nos três primeiros meses de 2020. Apenas com este valor, o banco consegue pagar quase duas vezes (1,79) todas as despesas que o banco tem com seus funcionários, que somaram R\$ 5,8 bilhões.

“É bom que fique claro, que o valor que o banco arrecada com serviços e tarifas é ínfimo perto do que ele obtém com outras operações. Mas, mesmo com esse valor ‘ínfimo’, ele paga quase duas vezes todas as despesas que tem com os funcionários. Salários, planos de saúde, auxílio educação, tudo”, destacou o coordenador da COE. “A conclusão óbvia é que o banco não tem do que reclamar”, completou.

Empregos

Em meados de junho de 2019, o banco lançou um Programa de Desligamento Voluntário (PDV) que contou com a adesão de 3,5 funcionários. Ao final de março de 2020, a holding contava com 82.107 empregados no país. Em 12 meses foram fechados 4.097. A contribuição do banco para o aumento do desemprego no país seria ainda maior. Só caiu devido a criação, agora no primeiro trimestre de 2020, de 416 novos postos de trabalho com contratações para a área de TI e porque o banco atendeu a reivindicação do Comando Nacional dos Bancários e assumiu o “compromisso de manutenção dos empregos durante a crise” causada pela pandemia de Covid-19.

Fechamento de agências

Em doze meses, houve uma redução de 10,5% no número de agências físicas do Itaú no país. Foram fechadas 371 agências físicas (duas no trimestre).

Para Jair, essa é uma questão bastante preocupante, uma vez que é cada vez maior o número de municípios sem agências bancárias. Já são 42% dos municípios nesta situação. “Num momento em que todo o país está assustado com os tamanhos das filas que se formam em frente às agências bancárias, principalmente da Caixa (Econômica Federal), mas também de outros bancos, a gente fica imaginando a situação de quem tem que se deslocar por muitos quilômetros, muitas hora para encontrar uma agência e, quando a encontra precisa enfrentar estas filas”, lamentou o coordenador da COE do Itaú.

Um levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostra que em alguns estados a situação é preocupante. Em Roraima, dos 15 municípios do estado, apenas quatro contam com agências bancárias. Em três deles existem apenas agências de bancos públicos. Bancos privados, apenas na capital.

Carteira de crédito

A Carteira de Crédito do banco cresceu 18,9% em doze meses e 8,9% no trimestre, atingindo R\$ 769,2 bilhões.

As operações com pessoas físicas (PF) cresceram 10,4% em relação a março de 2019, chegando a R\$ 237,0 bilhões, com destaque para crédito pessoal (+20,2%), veículos (+17,3%), crédito imobiliário (+10,0%) e cartão de crédito (+9,7%). As operações com pessoas jurídicas (PJ) no país somaram R\$ 221,2 bilhões, com alta de 27,5% em doze meses. Veículos (+95,7%), Financiamento à importação/exportação (58,9%) e Capital de Giro (+25,9%) foram os destaques positivos no segmento. A carteira de crédito para a América Latina apresentou alta de 16,8% no período, totalizando R\$ 181,5 bilhões. O Índice de Inadimplência superior a 90 dias, no país, subiu 0,1 ponto percentual, ficando em 3,1%. Mas, as despesas com provisão para devedores duvidosos (PDD) cresceram 161,5%, totalizando R\$ 10,9 bilhões.

“Aqui temos mais algumas questões. Se o índice de inadimplência cresceu apenas 0,1 ponto percentual, o banco está jogando todo o estrondoso aumento da a provisão para devedores duvidosos nas costas da crise gerada pela pandemia que estamos vivendo”, questiona Jair. “São muito pontos a serem analisados com mais cuidado, mas todos eles teriam a capacidade de fazer com que o resultado deste primeiro semestre fosse ainda maior do que já foi”, concluiu o coordenador da COE do Itaú.

Veja abaixo a tabela resumo do balanço, elaborada pelo Dieese.

Fonte: CONTRAF

	(R\$ milhões)		
Itens	1tri2020	1tri2019	Variação
Ativos Totais	1.982.498	1.651.425	20,0%
Carteira de Crédito	769.216	647.061	18,9%
Patrimônio Líquido	135.265	132.322	2,2%
Lucro Líquido Recorrente	3.912	6.877	-43,1%
Rentabilidade Recorrente (LL/PL) – Consolidado	12,8%	23,6%	-10,8 p.p.
Rentabilidade Recorrente (LL/PL) – Brasil	13,0%	24,8%	-11,8 p.p.
Receita com Op. Crédito e Arrend. Mercantil	24.339	18.994	28,1%
Resultado com TVM e Derivativos	21.139	10.915	93,7%
Resultado com Câmbio	14.018	910	1.440,4%
Despesas com Captação no Mercado	24.359	13.322	82,8%
Despesas com Empréstimo e Repasses	33.867	2.073	1.533,7%
Despesas com PDD	10.872	4.158	161,5%
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	-8.066	13.469	-
Rec. Prest. Serviços + Rendas de Tarifas (RPS)	10.373	9.445	9,8%
Despesa de Pessoal + PLR	5.795	5.850	-0,9%
Cobertura (RPS/DP)	179,00%	161,45%	17,55 p.p.
Resultado antes da Tributação e Contribuições	-9.191	9.861	-
Impostos e Contribuições	12.659	-2.969	-
Taxa de Inadimplência - Brasil (90 dias)	3,1%	3,0%	0,1 p.p.
Índice de Basileia	13,3%	16,0%	-2,7 p.p.
Número de Agências Físicas	3.156	3.527	-371
Número de Agências Digitais	196	195	1
Número de Empregados – Brasil	82.107	86.204	-4.097
Número de Empregados – Total	95.288	99.661	-4.373

Fonte: Demonstrações Financeiras do Banco Itaú (1º trimestre de 2020).

Elaborado pela Rede Bancários – DIEESE.

Mais de 1,1 milhão de trabalhadores esperam para receber benefícios na fila do INSS



Em Cerca de 1,17 milhão de trabalhadores e trabalhadoras estão na fila de espera do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) aguardando a análise de pedidos de concessão de benefícios como aposentadoria, auxílio-doença, pensões e Benefício de Prestação Continuada (BPC). A demora penaliza cidadãos que dependem da aprovação do instituto para conseguir a renda a que têm direito para sobreviver.

A fila virtual chegou a ter cerca de dois milhões de pedidos este ano, foi reduzida durante o isolamento social para conter a pandemia do novo coronavírus, mas o problema está longe de ser resolvido, como foi durante o governo do ex-presidente Lula. Com mais recursos, concursos e eficiência de gestão, o ex-ministro da Previdência, Luiz Marinho, conseguiu reduzir a espera e acabar completamente com as filas que eram manchetes de jornais toda semana. Pedidos como os de aposentadoria, por exemplo, eram concedidos no mesmo dia, em alguns minutos, se toda a documentação estivesse correta.

O presidente do INSS, Leonardo Rolim,

prometeu que a análise dos pedidos com mais de 45 dias (prazo máximo estabelecido por lei) será normalizada entre os meses de agosto e outubro, mas os trabalhadores sabem que não existe solução mágica, sem investimentos.

A normalização anunciada é até possível, diz Pedrinho Totti, presidente do Sindicato dos Servidores no Seguro Social e Previdência Social no Estado De São Paulo (SINNSP), mas não será 'para sempre'.

“Há uma série de fatores que indicam que a fila pode voltar a acontecer. Com a pandemia do coronavírus, as agências estão fechadas e 90% dos servidores estão trabalhando em casa, se dedicando somente isso, sem atendimento ao público. Isso facilitou o andamento das análises”, diz o dirigente, ressaltando que a pandemia também reduziu a demanda habitual de entrada de requerimentos e que o trabalho home-office rende mais porque, em casa, os servidores têm melhores condições de trabalho do que nas agências do INSS.

Depois do fim da pandemia, diz Pedrinho Totti, com a atual situação do INSS, que está

sucateado, sem trabalhadores e condições precárias de atendimento, a tendência é que o sistema volte a ficar saturado.

“Está tudo sucateado. Temos que trabalhar com computadores obsoletos e internet de má qualidade. Para mudar uma página do sistema que a gente opera, às vezes demora até um minuto. Isso quando a Internet não cai, o que acontece toda hora. Em casa nossos computadores pessoais são mais rápidos e nossa internet funciona”, afirma Totti.

O dirigente aponta que a última aquisição de equipamentos para o INSS foi feita no governo de Dilma Rousseff, em 2015. De lá para cá, em especial depois do golpe de 2016, não houve mais nenhum investimento em materiais.

Some-se a isso a falta de servidores. Nenhum concurso foi realizado desde 2013. Muitos dos trabalhadores se aposentaram. O resultado foi que de 2017, o INSS perdeu um terço de sua mão de obra. “Éramos cerca de 20 mil naquele ano, hoje somos 11 mil”, afirma Pedro Totti que complementa: “a falta de servidores ocasiona a sobrecarga de trabalho para quem fica”.

“Com o Temer e agora com o Bolsonaro, é impressionante a deterioração do INSS”, diz se referindo ao desmonte promovido no serviço público pelo golpista Michel Temer e piorado pelo governo de Jair Bolsonaro.

Contratação de trabalhadores

Recentemente o INSS anunciou edital para contratação de 8.230 trabalhadores temporários para compor o quadro de servidores e, hipoteticamente, reduzir a fila de espera de análise de pedidos de benefícios.

Neste ‘bolo’, estão os militares da reserva que, por decisão do governo Bolsonaro, seriam chamados. A outra parcela de trabalhadores é de aposentados do próprio INSS.

No entanto, de acordo com o presidente do Simesp, a contratação de militares pode acarretar e mais problemas. “Nosso trabalho é muito específico”, ele diz.

Segundo o dirigente, um estagiário, por exemplo, demora cerca de um ano para aprender todos os passos e conhecer como funcionam os oito sistemas (programas de computador) usados para o atendimento. “Não é algo que se aprende de uma hora para outra e precisamos conhecer como é acesso ao sistema, cada passa e o pessoal do exército não está acostumado com sistemas corporativos”, ele diz

Falta de organização

Pedrinho Totti explica que a fila teve um crescimento acentuado nos últimos tempos por uma soma de fatores. O primeiro deles, a falta de servidores. “O governo sabia que não daríamos conta e nada fez para resolver isso. Outro fator é a falta de visão estratégica para organizar o atendimento e fazer fluir a demanda de pedidos.

“Eles acharam que a internet daria conta e jogaram todos os pedidos para que fosse feitos on-line ou pelo fone 135. Ao mesmo tempo, abriram os atendimentos presenciais, que antes eram agendados para não sobrecarregar as agências. O que aconteceu foi uma corrida aos postos do INSS porque muita gente ou não tem acesso à internet ou não sabe mexer nela”, ele explica.

Terceiro fator que contribuiu para o grande aumento na fila de espera foi a reforma da Previdência. O dirigente diz que após promulgada, muita gente deu entrada no pedido para tentar garantir o benefício. Para piorar, o INSS bloqueou grande parte dos pedidos, alegando que era necessário mais tempo para interpretar as novas regras da previdência para poder conceder as aposentadorias.

O dirigente conta o caso de uma aposentada de sua família que deu entrada no pedido em dezembro e somente em maio começará a receber o benefício. Segundo ele, antes, na época do Lula, claro, esse processo era quase instantâneo.

Adoecimento no trabalho

O presidente do SINNSP alerta ainda que antes da pandemia, muitos servidores estavam sendo afastados por esgotamento emocional. “Stress e depressão eram comuns”, diz Pedro Totti.

Vilma Ramos, servidora e também diretora do sindicato conta que além de adoecer por causa da jornada excessiva de trabalho, o atendimento ao público é de “trato com o ser humano”.

“Diante das tragédias cotidianas, os servidores acabam absorvendo ou vivendo o problema do segurado e ao não conseguir resolver, acaba sofrendo também. A carga emocional é muito forte”, ela diz.

O afastamento de servidores contribui para a diminuição de profissionais especializados para o atendimento. O presidente do SINNSP acredita que, “se não houver contratação de mais servidores efetivos, a sobrecarga vai ser ainda maior e as filas nunca vão terminar”.

Fonte: CUT

Em tempos de pandemia, o que seria do Brasil sem o Sistema Único de Saúde?

Responsável pelo atendimento de mais de 75% dos brasileiros, o SUS, mesmo diante de cortes de investimentos, lidera combate ao coronavírus no Brasil



Profissionais da Santa Casa (PA) comemoram recuperação de bebê nascido no último dia 18. Para milhões de brasileiros, SUS é único meio de atendimento. Sob o teto de gastos, em duas décadas, perderá R\$ 400 bi

Muitos brasileiros torcem o nariz quando têm de ir a um posto de saúde ou a um hospital público. E morrem de preocupação de “perder o plano”. O que a maioria não sabe, mas agora pode estar se dando conta, é que se dependesse dos planos de saúde muitos morreriam sem assistência durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil. O Sistema Único de Saúde, o SUS, é responsável pelo atendimento de mais de 70% dos brasileiros.

Em março deste ano, somente um em cada quatro dos atendimentos médicos no país ocorreram por meio de planos privados, segundo a Agência Nacional de Saúde (ANS). Pouco mais de 75% da população brasileira contou exclusivamente com o SUS nesse período. E mais: toda a vigilância à saúde e medidas de contenção do coronavírus no Brasil são feitas pelo sistema público.

Apesar disso, o SUS padece de falta de recursos. Desde a Emenda Constitucional 95, do Teto dos Gastos – que entrou em vigor em 2017 e congelou por 20 anos investimentos em áreas como saúde e educação – o SUS já perdeu mais de R\$ 20 bilhões do orçamento federal. Em 20 anos estima-se que desinvestimento pode chegar à casa dos R\$ 400 bilhões.

Ainda assim, é esse sistema público, universal e gratuito – o maior do mundo – que mantém o atendimento em 42.826 Unidades Básicas de Saúde (UBSs) por todo o Brasil e 82,7% da cobertura populacional do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o Samu.

Via SUS são feitas anualmente cerca de 118 mil internações, aproximadamente 100 mil cirurgias, mais de 8 mil partos, 2,7 milhões de consultas, 9,6 milhões de exames ambulatoriais.

Quando só o SUS salva

A pergunta que não pode calar: se os planos privatistas dos últimos governos, desde o golpe de 2016, tivessem acabado de vez com o SUS, o que teria acontecido nesses tempos de pandemia?

Para o ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha, deputado federal (PT-SP), o Brasil caminha para ter o maior número de mortes no hemisfério sul. “O povo brasileiro sabe que quem pode reduzir esse sofrimento é um SUS mais forte. O governo federal chegou a colocar à disposição dos planos de saúde um fundo para situações críticas. Não quiseram, porque um dos critérios seria atender quem ficasse inadimplente”, disse, durante debate que

reuniu na terça-feira (5) o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ministros da Saúde.

O deputado relatou preocupação com a nomeação do novo ministro da área, Nelson Teich, que não mantém relação com o sistema de saúde público. “Infelizmente até agora sentimos que o ministro não sabe medir a pressão nesse momento muito grave. Torço para que isso mude. Se Boris Johnson (primeiro ministro britânico) mudou, se Trump mudou, torço para que essa crise seja um banho de defesa do SUS para a população brasileira e para o ministro”, destacou Padilha.

“Há leitos privados ociosos”, revelou o ex-ministro da Saúde Humberto Costa. “A epidemia veio por intermédio dos ricos, mas agora atinge a população mais pobre. A maneira mais democrática seria criar uma fila única, como fazemos com a política de transplante. Quem tem mais necessidade ocupa o leito, seja público ou privado. Os hospitais privados teriam de informar às secretarias quantos leitos têm, quantos estão disponíveis, quantos são de UTI, quantos respiradores etc”, cobra o senador (PT-PE).

Autocrítica

Durante o debate que reuniu ainda os ex-ministros Arhur Chioro e José Gomes Temporão, Lula fez o que chamou de autocrítica. Disse que, embora os governos petistas tenham valorizado o SUS, a verdade é que nunca fizeram a defesa ideológica da importância de um sistema único e público de saúde para a população. “Não tivemos capacidade de mostrar tudo que o SUS fazia pelo Brasil país e a imprensa sempre mostrou o lado ruim, das filas, dos problemas de atendimento. Lamentavelmente, não fizemos e muita gente acha que só não atende bem.”

Mas a realidade é que o Brasil tem um sistema de saúde do qual deveria se orgulhar. O SUS é responsável também pelo maior programa público de imunização do mundo. Uma rede pública que oferta todas as vacinas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS): são 27 na cobertura prevista no Calendário Nacional de Vacinação. Mais de 300 milhões de doses de vacina são aplicadas todo ano. Isso inclui os 90,2% de cobertura vacinal

contra a gripe.

“A sociedade precisa saber que 95% dos transplantes são feitos pelos SUS”, destacou Lula. Em 2018 foram feitos 26.492 transplantes pelo serviço público.

Temporão lembrou que em abril de 2009, o Brasil e o mundo viveram a pandemia do H1N1. “Os primeiros meses foram muito parecidos pelo medo. Mas o momento político era outro: o presidente dava apoio ao enfretamento à pandemia e o país estava muito bem economicamente. Tínhamos medicamento e hoje não temos. Não há ainda evidencia de que qualquer droga funcione”, afirma o sanitarista que atua hoje na Fiocruz. “Higiene das mãos, isolamento social e uso de máscaras são os únicos instrumentos de combate que temos hoje.”

Falta que faz

Lula destacou que está ficando claro para as pessoas que só o Estado, com o SUS, é capaz de resolver um problema como esse. Levantamento realizado pela Rede Nossa São Paulo em parceria com a Ibope Inteligência e divulgado na terça apontou que 69% das classes média e alta da capital avaliam ser o SUS a estrutura responsável por evitar consequências ainda piores diante da pandemia do novo coronavírus no Brasil.

Arthur Chioro lembra que alguns setores alegavam que as grandes cidades não precisavam do Mais Médicos. “E olhe a falta que faz agora”, disse, ressaltando que crises como essa revelam que não dá certo o enxugamento do Estado, com privatizações de bens públicos e .

“Com o golpe se consolidou um movimento que vinha desde o fim da CPMF, de desfinanciamento do SUS. Os gastos estão em R\$ 3 por habitante ao dia”, criticou. “A despeito de tudo isso, nossa situação ainda é muito melhor que países que embarcaram em aventuras e desmontaram todo seu sistema público de saúde.”

O ex-ministro, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), avalia que 85% dos casos de covid-19 são assintomáticos ou leves. “E poderiam estar sendo acompanhados

com equipes de saúde da família, telemedicina, acompanhamento das casas de idosos. Podemos sair dessa crise reafirmando a importância de ter um SUS que seja valorizado pela sociedade brasileira”, avalia. “O desmonte do SUS só serviu para ampliar uma fatia de mercado que foge da responsabilidade numa hora como essa.”

O século do prejuízo

Temporão reforça. “O SUS foi pensando para atender a todos de maneira igual. Quem quiser um atendimento diferenciado paga do seu bolso e sem incentivo fiscal”, sugere. “Temos de fazer essa discussão na sociedade com seriedade. É inadmissível que a gente não de sustentabilidade financeira ao SUS. Ele é um patrimônio intergeracional.”

São também parte desse sistema público de saúde centros de pesquisa como a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantã, explicou Temporão. “A Fiocruz está viva, forte e tendo papel importante de enfrentamento”, conta o ex-ministro. “Conseguimos preservar depois do golpe. É ela que está produzindo grande parte dos testes, apesar da falta de investimento. Graças ao Instituto Butantã conseguimos vacinar em 2010 milhões de brasileiros.”

Para o ex-presidente Lula, o século 21 está sendo o século do prejuízo. “Estamos perdendo todo o Estado de bem-estar social construído no século 20. Onde vamos colocar essa quantidade de seres humanos que parecem inúteis diante de carros que andam sozinhos, supermercados sem caixas? Será que vamos passar mais um século com o mercado dizendo como a gente tem de viver?”, questiona, comparando esse quadro ao “ódio destilado contra seu governo. “Isso foi porque pela primeira vez a gente pode garantir que as pessoas tivessem o mínimo de ascensão social.”

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Gilmário Araújo dos Santos

Colaboração: Jacqueline Barbosa

Diagramação: Aníbal Bispo

Outras visões

Humberto Costa reitera que se prevalecesse a visão de governo de quando foi ministro (2003-2005), hoje haveria mais recursos, teses e leitos para enfrentar a pandemia. “O mundo está parado hoje porque os países não investiram em saúde para poder dar uma resposta. Se temos Samu hoje, as UPAs, a população sendo vacinada, as cidades que ainda têm o Mais Médicos fazendo a diferença, foi porque deixamos para este país um grande legado. Estávamos certos e temos muita coisa positiva para fazer.”

Temporão lembrou que no século 20 ocorreram duas pandemias: a gripe espanhola em 1918 e a asiática em 1950. “Neste século já tivemos cinco. A interferência humana na natureza está por trás de toda essa questão. A probabilidade de que isso que está acontecendo se repita é muito plausível. Temos de repensar o modelo de desenvolvimento econômico”, afirma.

Se fosse hoje ministro, faria parte de um movimento em defesa da vida liderado pelo presidente da República. “Aliando políticas econômicas, sociais, sanitárias para preparar o Brasil para quando toda essa situação passar, e colocando o conhecimento técnico e científico a esse serviço. Mas estamos num vácuo, não temos essa liderança.”

Chioro disse que aproveitaria a coordenação de um presidente que entendesse a importância do SUS, e a partir do enfrentamento da crise deixar como legado um sistema público de saúde como patrimônio da sociedade brasileira. “Todas as áreas juntas construindo estratégia integrada”, explicou.

Padilha, se pudesse fazer uma coisa, seria garantir a proteção aos trabalhadores da saúde e serviços essenciais. “Em várias cidades já não tem profissional para atender. Muitos afastados, infectados, morrendo. Pode ter o que for, mas sem eles nada vai ser resolvido.”

Fonte: RBA

www.cntv.org.br
cntv@terra.com.br
(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,
Térreo, lojas 09-11
73300-000 Brasília-DF